V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife-Pernambuco-2018

A televisão no nordeste brasileiro:

Um estudo de caso da trajetória da Rede Globo nas capitais nordestinas.[1]

Francisco das Chagas SALES JÚNIOR[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Quando surgiu no Brasil, a televisão era local, se concentrando no eixo Rio-São Paulo, onde surgiram as primeiras emissoras. Com os avanços tecnológicos e o crescimento da produção de televisores, as emissoras foram se espalhando pelo país. Mas em algumas regiões esse processo levou mais tempo do que em outras, como é o caso do Nordeste Brasileiro. Por tanto, este artigo tem como objetivo verificar e analisar a implantação de estações de transmissão nas capitais nordestinas, tendo como referência a criação e instalação das afiliadas da Rede Globo na região. Por que em algumas capitais as emissoras de conteúdo local e regional chegaram mais tarde, quase 40 anos depois da construção da televisão no Brasil? O que pretendemos aqui é compreender esse atraso, no contexto dos primeiros anos da Televisão Brasileira e situando no momento vivo pelo país.

Palavras-chave: HISTÓRIA - TELEVISÃO – REGIONALIZAÇÃO - TV GLOBO – AFILIADAS.

Introdução:

Apesar dos avanços tecnológicos vivenciados nos últimos tempos e a avalanche de informações e novidades disponibilizadas pela internet, a televisão continua sendo considerada um dos veículos de comunicação mais poderosos do mundo. Ela é ao mesmo tempo a principal fonte de informação e diversão para o povo brasileiro. Isso se deve ao fato de conseguir chegar aos lugares mais remotos de um país com dimensões continentais como é o caso do Brasil.

Por isso, essa pesquisa pretende compreender a chegada da televisão no Brasil, em especial no nordeste brasileiro, tendo como objeto a implantação das emissoras afiliadas da TV Globo nas capitais nordestinas. O objetivo é entender como ocorreu esse processo,

[1] GT6 História da mídia audiovisual do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.
[2] Estudante do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, e-mail jornalismo_junior@yahoo.com.br

dentro do contexto histórico e social da região, tendo em vista que a implantação das estações de televisão no nordeste aconteceu com certo atraso, em relação ao ano de criação da própria televisão brasileira.

Pra alcançar o objetivo dessa pesquisa será realizado um estudo de caso. Sobre esse procedimento metodológico, Ventura (2007) considera que é um método eficiente para pesquisar limitações e especificidades de uma determinada situação investigada. Duarte (2006) também expõe o conceito sobre o estudo de caso na visão de Yin (2001, p.32), que define essa metodologia de pesquisa como: "uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas".

Estudar essa temática se torna significativo tanto para o âmbito científico, para compreender as práticas sociais que envolvem a regionalização da programação da televisão no Brasil; quanto pra registrar a história da mídia na região Nordeste, de modo a identificar os elementos e agentes dessa trajetória.

A TV no Brasil

A televisão chegou ao Brasil, em 1950, por iniciativa do empresário Assis Chateaubriand, com a criação da PRF 3 TV Difusora, que depois passaria a se chamar TV Tupi, pioneira da América Latina. Isso numa época em que transmitir som e imagem era uma novidade cara. Receber o sinal da televisão, então, era algo acessível a poucas pessoas.

Na época da inauguração da primeira emissora de televisão brasileira, ainda não existiam televisores no país, por isso Chateaubriand espalhou cerca de 200 aparelhos pela cidade, em lugares estratégicos de São Paulo, cidade onde a TV Tupi estava instalada. O sucesso foi absoluto e marcou o início da paixão dos brasileiros pela telinha.

Com o tempo e o crescimento da produção, o preço dos aparelhos foi se tornando mais acessível e as emissoras foram sendo instaladas em outros estados, deixando de se concentrar apenas no eixo Rio-São Paulo. É nesse contexto que a televisão brasileira vai ganhando elementos regionais e as redes de emissoras nacionais vão sendo formadas.

Rogério Bazi (2001) argumenta que a televisão regional é aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região, delimitada geograficamente, e que tenha sua

programação voltada para ela mesma, sem perder o contexto global. Dentro do campo da comunicação, a televisão regionalizada vai ser mais um elemento dentro do processo de emissão e recepção. No entanto, agora, será levada em conta ainda mais a experiência cotidiana do interlocutor.

> As emissoras regionais fornecem aos telespectadores, por meio da união da programação do regional e nacional, retratar os assuntos locais e ao mesmo tempo proporcionam acompanhar o que ocorre no país e no mundo. Se uma pessoa desejar assistir às "cores locais", basta sintonizar os programas gerados pelas emissoras regionais; se optar em saber o que acontece em outro lugar assiste aos programas da rede a qual está afiliada. (BAZI, 2016, p.23)

A expansão de afiliadas e retransmissoras de televisão pelo território brasileiro permitiu assim o surgimento da televisão local em todos os estados brasileiros e a criação de identidade com as cinco regiões do país. Nesse contexto, a televisão local passa a ser aquela que se apresenta como parte integrante da sociedade, que apresenta informação e prestação de direta com o telespectador.

Fernando Barbosa de Lima (2007) ajuda a compreender bem o papel exercido pela televisão nos lares brasileiro: "Para as pessoas mais pobres e menos instruídas, gente do interior ou das capitais que não sabe ler nem escrever, mas sabe ligar um aparelho de TV, essa poderosa maquina representa o personagem mais importante da casa e da família" (LIMA, 2007, p. 21).

Esse fascínio dos brasileiros tem explicações que vão além da mistura de imagem e som, que juntos despertam a emoção e o interesse dos brasileiros pelo que está sendo veiculado. Rezende (2000) explica porque a TV no Brasil não é apenas mais um veículo do sistema nacional de comunicação:

> Vários fatores contribuíram para que a TV se tornasse mais importante no Brasil do que em outros países: a má distribuição de renda, a concentração da propriedade de emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa dramaturgia (REZENDE, 2000, p. 23).

No interior do país, em especial do nordeste brasileiro, a televisão se torna um elemento de inclusão e integração com o restante do Brasil. "No que se refere à sociedade rural, a televisão é o principal meio de comunicação que atinge as imensas áreas do sertão nordestino" (LIMA, 2000, p. 77).

> As facilidades de comercialização de televisores e a boa qualidade do sinal retransmitido por repetidoras locais e antenas parabólicas têm contribuído muito para a sua população nessas localidades. Tudo isso faz com que a televisão deixe de ser privilégio das sociedades de centros urbanos avançados e, a exemplo de rádio, passe a ser adquirida em maior quantidade pelas populações das periferias urbanas e das áreas rurais (TRIGUEIRO, 1999, apud LIMA, 2000, p. 78).

Nos anos de 1970, a TV assume o papel de mídia de integração nacional, a partir da ampliação das torres de transmissão e o surgimento das emissoras afiliadas às grandes redes nacionais, produzindo conteúdo local e retransmitindo a programação nacional. A tecnologia a cores chega ao mercado televisivo brasileiro criando uma nova forma de ver o próprio Brasil. Muitas vezes desconhecido pela maioria da população.

A formação da Rede Globo

Nos primeiros anos da televisão Brasileira, nas décadas de 1950 e 60, vimos impérios surgirem como é o caso dos Diários Associados, pertencente a Assis Chateaubriand e que já foi o maior conglomerado da imprensa brasileira. Em 1965, a TV Globo de Televisão foi fundada pelo jornalista e empresário Roberto Marinho. Em pouco tempo, com a crise financeira e posteriores cassações das concessões da TV Tupi[3], o sistema de emissoras da Globo conquistou a hegemonia da mídia televisiva brasileira.

A Rede Globo possui atualmente 123 emissoras, sendo 118 afiliadas e cinco geradoras próprias nos estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Minas Gerais e Pernambuco. Elas são responsáveis pela regionalização da programação e produção de conteúdo local. O sinal chega a mais de cinco mil municípios brasileiros e a mais de duzentos milhões de brasileiro, nas cinco regiões, cobrindo 99% do território nacional. Dos 5.570 municípios brasileiros, não tem cobertura do sinal em 93.[4]

Mas todo esse crescimento não foi à toa, foi bem planejado e estabelecido como meta. De acordo com BAZI (2001), a TV Globo entrou na década de 1970 com objetivo de

[3] "Após crises financeiras e problemas de pagamento de pessoal – agravados após a morte do fundador Assis Chateaubriand, em 1968 – o Governo Federal agiu para interromper a continuação da Rede Tupi. O Diário Oficial da União do dia 17 de julho de 1980 trouxe um ato presidencial, considerando peremptas as concessões de sete emissoras associadas: a TVs Tupi do Rio de Janeiro e São Paulo, a TV Itacolomi de Belo Horizonte, a TV Marajoara de Belém, a TV Rádio Clube do Recife, a TV Piratini de Porto Alegre e a TV Ceará de Fortaleza, sendo cada estação pioneira em seus respectivos Estados" (CUNHA, 2009, p.10-11).

[4] www.negocios8.redeglobo.com.br acessado em abril de 2018.

regionalizar a programação e conquistar mais audiência. A produção da emissora se concentrava no Rio de Janeiro e São Paulo.

Algumas capitais nordestinas, como João Pessoa e Natal ainda não possuíam emissoras locais para gerar conteúdo e retransmitir o sinal da emissora carioca. Pensando justamente em se instalar em locais onde ainda não tinha estrutura própria ou afiliada, a Globo estabeleceu a meta de ampliar a cobertura geográfica com a criação de um grande sistema de afiliadas. Como explica Bazi (2001):

> A Rede Globo tinha como meta regionalizar sua programação depois de se fortalecer nas capitais brasileiras. Foi, então, na década de 80, que o projeto de regionalização ganhou força com a implantação, em seu organograma, de um setor específico para atender as suas afiliadas: a CGAE- Central Globo de Afiliadas e Expansão - responsável por viabilizar as emissoras locais em todas as necessidades como: programação, engenharia e jornalismo.(BAZI, 2001, p.4).

Seguindo nessa perspectiva de compreender o processo de desenvolvimento e regionalização da TV Globo pelos estados brasileiros, em especial nas capitais nordestinas, Rogério Bazi (2001) nos ajuda a entender melhor os três tipos de emissoras regionais:

> [...] as TVs geradoras, ou seja, aquelas que geram programação do próprio local em que estão instaladas; as retransmissoras, isto é, aquelas que apenas possuem os equipamentos necessários para captar sinais de sons e imagens recebidos de uma estação geradora [...], e as estações repetidoras [...] que são apenas capazes de receber sinais e retransmiti-los (BAZI, 2001 p. 24).

Dentro das estratégias de integração nacional por meio da programação local, a TV Globo criou programas e telejornais com formatos padrão e distribuiu pelo país. É aí que surgem exemplos como o “Bom Dia Praça”, inspirado no Bom Dia São Paulo, no ar desde 1977[5]. Em cada estado, o telejornal ganha um nome local. No Rio Grande do Norte se chama Bom Dia RN. No Ceará é Bom Dia CE e por aí vai.

O objetivo dessa regionalização da programação também era criar uma identificação maior com os telespectadores, levando até eles as notícias que afetam diretamente seu cotidiano. Essa proximidade com público se daria tanto pelo lado geográfico quanto pelo cultural. Afinal, a TV local consegue mostrar para a elas a sua própria cultura. E nesse sistema de rede de afiliadas, a emissora nacional é que define como, quando e para quem a programação local será direcionada.

[5] www.memoriaglobo.globo.br acessado em abril de 2018.

> Por isso, os programas seguem o chamado "Padrão Globo", que é a linha editorial e qualidade técnicas desenvolvidas pela TV Globo. A intenção é que todos assistam, ao mesmo tempo, um conteúdo semelhante ao que está sendo exibido pelas outras emissoras que formam a rede. O diferencial seria o "tempero local", que é aquele tema ou notícia que interessam diretamente ao telespectador por estarem mais próximos (JUNIOR, 2014, p. 27-28).

Para manter o padrão de qualidade, logo no início de criação de cada emissora afiliada, profissionais da TV Globo eram enviados para os estados, onde realizavam treinamento com os jornalistas e equipe técnica. Foi assim que acontece na fundação da TV Cabugi, no Rio Grande do Norte, em 1987:

> Vieram editores de texto e imagem, produtores e repórteres para profissionalizar a equipe que estava sendo formada. Eles participavam diretamente do que estava sendo produzido, a fim de propor melhorias, ensinar novas técnicas de produção, indicar mudanças necessárias nas reportagens e explicar os conceitos do jornalismo praticado pela Globo. (JÙNIOR, 2014, p.28)

A chegada ao Nordeste

Todo o processo de expansão das emissoras da Rede Globo pelo interior do Brasil não aconteceu da noite para o dia. Demorou um bocado a chegar à região Nordeste. Em alguns estados, uma década ou mais. É o que relata Aline Maria Grego, em Kneipp (2017):

> É surpreendente constatar, por exemplo, que alguns estados nordestinos só passaram a ter um canal próprio de televisão há pouco mais de 40 anos, ou seja, quase trinta anos depois de inaugurada a primeira emissora de TV brasileira, a TV Tupi de São Paulo. (KNEIPP, 2017, p. 60).

No Rio Grande do Norte, por exemplo, a televisão chegou apenas em 1972 para fins educativos, visando a transmissão das aulas do Projeto SACI – Satélite Avançado de Comunicação Interdisciplinar, que levava ensino básico à distância nas escolas da rede estadual de educação. No início a TV Universitária era ligada ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e sua programação era voltada quase exclusivamente para a produção de teleaulas e programas para educação infantil[6]. É importante destacar que a TV chega a terras potiguares apenas 22 anos depois de ser inaugurada a primeira emissora de televisão do país.

[6] Disponível em www.tvu.ufrn.br acessado em abril de 2018.

Ainda citando o exemplo do Rio Grande do Norte, apenas em 1987, é que a primeira emissora comercial se instalou no estado. Foi a TV Ponta Negra, afiliada ao SBT, fundada pelo ex-senador Carlos Alberto de Sousa. A afiliada da TV Globo, a TV Cabugi, fundada pelo ex-senador Aluízio Alves, começou a transmitir o sinal também no mesmo ano.

Antes da implantação dessas emissoras, a programação das grandes redes nacionais chegava ao estado apenas através de repetidoras de outras cidades, como Recife e Fortaleza.[7] Por tanto, foram 37 anos sem uma televisão comercial no Rio Grande do Norte e sem a presença de uma afiliada da Globo produzindo programação local.

> A dimensão continental do Brasil, a ausência de uma política governamental de comunicação igualitária para todo o país e o descompasso entre a visão empresarial regional e as possibilidades do novo veículo, as dificuldades de infraestrutura, inclusive no quesito eletrificação, estão entre os fatores que contribuíram para um cenário de diferenças e contradições no país, quando consideramos as instalações das emissoras de televisão no território brasileiro. (KNEIPP, 2017, p. 60).

A instalação das geradoras próprias da Rede Globo, em áreas estratégicas do país para distribuir o sinal da emissora carioca pelo país, também comprova esse atraso do Nordeste em relação aos demais estados. A TV Globo Nordeste, hoje responsável pelo gerenciamento operacional das emissoras da região e do conteúdo produzido por elas, foi a última a ser criada e construída, na cidade do Recife, em Pernambuco. Como podemos observar no quadro a seguir:

Cidade	Fundação
Rio de Janeiro	1965
São Paulo	1966
Minas Gerais	1968
Brasília	1971
Pernambuco	1972

Quadro 1 – Geradoras próprias da TV Globo.

Fonte: autoria própria.

Pela proximidade e pela falta de emissoras locais no Rio Grande do Norte e Paraíba, além de gerar o sinal, a Globo Nordeste também produzia reportagens nesses estados.

[7] Kneipp (2017) registra que "esses sinais das repetidoras nem sempre eram de qualidade, na verdade, alguns apresentavam qualidade técnica bastante comprometida: "chuviscos", fantasmas nas imagens e falhas no áudio estavam entre os problemas enfrentados".

Equipes eram enviadas para cumprir pautas sobre assuntos. Era uma forma de cobrir os principais acontecimentos, que muitas vezes eram exibidos em rede nacional. Foi assim até a segunda metade da década de 1980.

A expansão da Globo em terras nordestinas

Como exposto anteriormente, os planos e estratégias de expansão das afiliadas da Globo surgem num momento propício, tendo em vista que a TV Tupi vivia momento de dificuldades financeiras e a telecomunicação se desenvolvia, ganhando novidades que tornariam o processo de comunicação pela televisão ainda mais ágil e de longo alcance.

As novas tecnologias apresentavam novas perspectivas e mais possibilidade para expansão dos sinais das emissoras e, consequentemente, a formação das redes. Rezende (2000) destaca esse momento da história da televisão brasileira:

> Em janeiro de 1969, o Brasil ingressava na era da comunicação especial. As ligações por micro-ondas e as transmissões via satélite possibilitavam a integração nacional e aproximação com o restante do mundo. Torna-se, enfim, viável a formação de redes de TV. (REZENDE, 2000, p. 109).

Nos estados nordestinos, o processo de filiação à Globo ou implantação de novas emissoras teve início no fim da década de 1960, se intensificou ao longo das décadas de 1970 e chegou a todas as capitais da região no fim da década de 1980. O quadro a seguir ajuda a compreender isso melhor:

Estado	Início	Emissora Pioneira	Emissora Atual
BA	1969	TV Aratu	TV Bahia (desde 1987)
MA	1972	TV Difusora	TV Mirante (desde 1991)
PE	1970	TV Jornal	TV Globo (desde 1972)
SE	1973	TV Sergipe	TV Sergipe
CE	1974	TV Verdes Mares	TV Verdes Mares
AL	1975	TV Gazeta	TV Gazeta
PI	1976	TV Clube	TV Clube
PB	1987	TV Paraíba	TV Paraíba
RN	1987	TV Cabugi	TV Cabugi

Quadro 2 – Instalação das emissoras da TV Globo nas capitais nordestinas.

Fonte: autoria própria.

´ Ao analisar o ano de início de transmissão das primeiras estações da afiliadas à TV Globo no Nordeste e o levantamento das atuais emissoras que fazem parte da Rede Globo, podemos fazer várias observações e apontamentos sobre a trajetória da rede de televisão nas capitais nordestinas, levando em consideração inclusive questões políticas e econômicas nesse processo.

Primeiramente, constatamos a mudança nas transmissoras do sinal nos três primeiros estados a ter uma televisão própria afiliada à TV Globo. Incialmente, uma TV transmitia o sinal e posteriormente foi substituída por outra. É o caso da Bahia, do Maranhão e de Pernambuco. Nesse último estado, a explicação é técnica e simples: com a construção da Globo Nordeste, a TV Jornal deixou de retransmitir o sinal e a emissora própria da rede assumiu essa função.

Nos casos da Bahia e Maranhão, a influência política para que tal mudança acontecesse ficam bem evidentes, quando consideramos o momento da história brasileira em que ocorreram e quem são os proprietários das emissoras que assumiram o papel de afiliadas da Globo. A TV Mirante era de propriedade do presidente da República Federativa do Brasil, José Sarney, e a TV Bahia foi fundada pelo então ministro das comunicações do Governo Sarney, Antônio Carlos Magalhães.

Sobre a transferência da emissora maranhense, nem tudo é foi bem explicado e ainda restam algumas dúvidas sobre a lisura do processo, tendo em vista que na época não existia uma legislação tão específica e rigorosa quanto ao processo de concessão de emissoras de rádio e televisão. Muitas vezes, as mudanças aconteciam a portas fechadas e por meios, por assim dizer, não muito republicanos.

Douglas (2011) conta que o grupo liderado por José Sarney usou a influência política e econômica como estratégia pra enfraquecer, tanto politicamente quanto financeiramente, a família Bacelar, que detinha o direito de retransmissão da TV Globo, desde 1972. O plano era fazer com que os proprietários da TV difusora, se vendo mergulhados em dívidas e enfraquecidos no cenário político local, não tivessem outra saída a não ser ceder os direitos de afiliação da Rede Globo. E foi isso que aconteceu.

> A partir de vários elementos, prova-se que a transferência da retransmissão da Rede Globo, sob direito da TV Difusora, para a TV Mirante, em 1º de fevereiro de 1991, foi um processo planejado, longo e decidido no núcleo autêntico da família Sarney,

> a fim de manter-se em situação confortável de controle político e econômico do sistema midiático maranhense. (Douglas, 2011, p.16)

Situação semelhante ao que aconteceu no Maranhão, também ocorreu na Bahia. Desde 1969, a TV Aratu era a emissora que detinha o direito de retransmitir o sinal da TV Globo no estado baiano. E foi assim durante 18 anos. Os baianos recebiam a programação nacional e assistiam aos programas locais por meio da Aratu, que investiu na identificação com o público, mostrando a cultura e os principais acontecimentos do estado.

Em pleno processo de redemocratização do país, mais ainda sem uma regulamentação eficiente e transparente da radiodifusão em relação ao poder de credenciamento e descredenciamento das emissoras afiliadas, a TV Globo rescinde o contrato com a TV Aratu e passa a função para a TV Bahia, de Antônio Carlos Magalhães, que até então era afiliada à Rede Manchete.

Tal mudança teria sido acertada diretamente com o proprietário das Organizações Globo, Roberto Marinho, diante das dificuldades financeiras enfrentadas pelo grupo proprietário da TV Aratu e também do jogo de interesses do grupo de Marinho com o Governo Federal, tendo em vista que Antônio Carlos Magalhães era ministro das comunicações do governo Sarney, como destaca Matos (2015):

> Se a Rede Globo será protagonista no processo da construção imaginária de um país moderno e integrado, a transferência da concessão de transmissão da Rede Globo que passa à TV Bahia, em 1987, deixando para trás 18 anos de vínculo entre a TV Aratu e a "Vênus Platinada" é, mais uma vez, um lance importante neste complexo jogo de dominação articulando poder político e poder simbólico (MATOS, 2015, p.121).

Tanto a criação dessas emissoras quanto o processo para se tornarem afiliadas da Rede Globo aconteceu no período da história brasileira em que mais foram outorgadas concessões de rádio e televisão, que foi o governo do presidente Sarney. Foram 1.028, em três anos e meio. A maioria foi liberada durante a aprovação da nova Constituição como explica Lima (2000), por meio do levantamento feito por Motter (1994):

> De fato, a partir de janeiro de 1988, quando a Constituinte entrou no período mais crítico, com a votação em plenária do Projeto de Constituição, observou-se um expressivo acréscimo nas concessões de canis de rádio e televisão. Das 1.028 concessões outorgadas pelo governo Sarney até a promulgação da nova

> Constituição, 539 (52%) foram distribuídas nos últimos nove meses da Constituinte, precisamente de janeiro a outubro de 1988 (Motter, 1994, apud Lima, 2000, p.85).

Outro ponto interessante para se destacar, ao analisar a formação da Rede Globo, é a concentração das emissoras nas mãos de poucos grupos, tanto econômicos quanto políticos. Principalmente políticos. Atualmente, são 123 emissoras pertencentes a 29 grupos de comunicação. Desse total, cinco são geradoras próprias da TV Globo, instaladas em cidades estratégicas para a produção de conteúdo, distribuição de sinal e comercialização dos espaços publicitários.

Quando o foco do estudo é a região nordestina, constatamos que são 24 emissoras pertencentes a 11 grupos de comunicação. Apenas uma delas é da TV Globo como observamos no quadro abaixo:

ESTADO	EMISSORA	GRUPO	FUNDADOR
BA	6	Bahia	Antônio Carlos Magalhães
MA	5	Mirante	José Sarney
PB	2	Paraíba	José Carlos da Silva Júnior
CE	2	Verdes Mares	Edson Queiroz
RN	2	Inter TV	Aluízio Alves
PI	2	Clube	Valter Alencar
SE	1	Sergipe	Naírson Menezes
AL	1	Gazeta	Arnon de Mello
PE	1	Globo	Roberto Marinho
PE	1	Asa Branca	Inocêncio de Oliveira
PE	1	Grande Rio	Osvaldo Coelho

Quadro 3 – Grupos proprietários das emissoras da Rede Globo nos estados nordestinos.

Fonte: autoria própria.

Sobre essa concentração de várias empresas, no caso do presente estudo, das emissoras de TV, nas mãos de alguns grupos de comunicação, Lima (2001) diz:

> O controle sobre os meios de comunicação de massa se torna bem mais evidente, quando verificamos que os nossos veículos de massa se constituem, essencialmente, em empresas vinculadas à iniciativa privada, cuja propriedade está concentrada nas mãos de uns poucos grupos (familiares), e do Estado, que apesar de tudo, também possui alguns veículos de mídia impressa e eletrônica (LIMA, 2001, p.3).

No Rio Grande do Norte, a TV Cabugi, fundada por Aluízio Alves em 1987, foi vendida para o grupo Inter TV do ex-deputado federal Fernando Camargo, em 2006. Hoje, a rede possui sete emissoras espalhadas pelos estados do Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A exemplo de outras redes de comunicação, como a Rede Amazônica e a Rede Anhanguera, a Inter TV não se concentra apenas em um estado. No caso dela, também está presente em regiões diferentes.

> A relação entre os grupos de mídia de mercados regionais, como o do Nordeste brasileiro, e os grupos de amplitude nacional vai além das associações para atender aos interesses regionais das grandes empresas. As empresas locais, basicamente de constituição familiar, como os Sarney, Magalhães, Franco, Alves, Collor de Melo, Jereissati, Lobão, Oliveira, Santos, Paes Mendonça e outras, não querem ser tratadas como simples filiais ou representantes. Se comportam em relação aos grupos nacionais na busca de parcerias, não de dependência. O que buscam é uma margem de manobras suficiente que lhes permita dominar os mercados regionais, tendo como parceiros - mas não como matriz ou modelo - um ou mais dos grandes grupos de comunicações. Trata-se de uma negação subalterna (FADUL & REBOUÇAS, 2004, p.2).

Considerações finais

Ao analisar a trajetória de implantação das emissoras afiliadas à Rede Globo na região nordeste do Brasil, vários pontos ficaram mais claros sobre o contexto histórico em que isso aconteceu, as práticas sociais da época e a influência política que alguns grupos exerceram e ainda exercem na radiodifusão brasileira. Além disso, pôde-se observar como se deu, de certa forma, o processo de regionalização da Televisão Brasileira.

A chegada mais tardia das emissoras de televisão ao nordeste, quando comparada com outras regiões do país, fica clara quando o objeto de estudo passa a ser o processo de formação da maior rede de mídia televisiva do Brasil, a Rede Globo. Ficou evidente a atenção maior dada a outros grandes centros, em detrimento das capitais nordestinas. Bastou observar o ano de fundação das filias da Globo pelo país. Atualmente, são cinco geradoras próprias no total e a última a ser implantada foi a de Recife, em Pernambuco.

Considerando o contexto histórico do país, foi possível perceber o papel do governo Sarney e a distribuição de licenças de TV aos aliados políticos para que a Globo pudesse estar presente em todas as capitais nordestinas. Exemplo disso é a criação das emissoras do

Rio Grande do Norte e na Paraíba, as últimas da Rede Globo fundadas na região, no final da década de 1980, em plena "farra das concessões".

Outro fator que mereceu destaque é a concentração das afiliadas nas mãos de poucos grupos, sejam econômicos ou políticos. O que reforça a necessidade democratização da comunicação no Brasil. Mas isso se torna assunto para futuros estudos e pesquisas sobre a radiodifusão no Brasil. O presente estudo permitiu, pelo menos em parte, evidenciar aspectos importantes para compreender um pouco mais a trajetória da televisão na região nordestina, em especial nas capitais.

Referências

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues Bazi. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

_____. **Depois da TV digital: o telejornalismo e as rotinas produtivas em uma emissora regional**. In: Revista Brasileira de Estudos de Jornalismo: Campinas: Puc-Campinas, V. 6 n.º18, 2016. P. 18-30.

CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. **Anotações sobre a história da televisão no Ceará (décadas de 1970 e 1980)**. IN: VII Congresso Nacional de História da Mídia, Unifor, Fortaleza, 2009, disponível em http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Anotacoes%20sobre%20a%20historia%20da%20televisao%20no%20Ceara.pdf acessado em abril de 2018.

DOUGLAS, Franklin. **Mídia eletrônica, controle social e poder econômico: particularidades da concessão da TV Difusora/Rede Globo no Maranhão**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas), São Luíz, Universidade Federal do Maranhão, 2011.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FADU, Anamaria; REBOUÇAS Edgard. **Por uma perspectiva metodológica para os estudos dos sistemas e grupos de mídia: o caso do Nordeste brasileiro como referência.** IN: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Porto Alegre, 2004, disponível em

http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/52684459906750557397940357827460273097.pdf

JÚNIOR, Francisco. **RNTV: a notícia no ar. Rio Grande do Norte**, RN. 2014.

KNEIPP, Valquíria A. P (org.). **Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica**. Rio Grande do Norte: Edufrn, 2017.

LIMA, Fernando Barbosa. **Nossas câmeras são seus olhos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

LIMA, Maria Érica de Oliveira. **Neo-coronelismo na mídia nordestina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

_____.**Nordeste: o desenvolvimento para além das oligarquias**. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS –2001, disponível em http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/156331664957317396305033185267157751695.pdf acessado em abril de 2018.

MATOS, Rita de Cássia Aragão (org.). **Temas Contemporâneos: algumas reflexões sobre cultura, comunicação e consumo**. Salvador: EDUFBA, 2015.

MOTTER, Paulino. **O uso político das concessões das emissoras de rádio e televisão no governo Sarney**. Revista Comunicação & Política. Rio de Janeiro, vol 1, nº 1, p. 89 a 116, agosto-novembro de 1994.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Globalização e identidade cultural: o impacto da televisão numa comunidade rural paraibana**. In: LIMA, Maria Érica de Oliveira. Neo-coronelismo na mídia nordestina. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, 2007. P. 383-386.